

Independente de Boa Vista – Carnaval 2018



"Sou Boa Vista, sou Madiba o canto da igualdade que ecoa no centenário de Mandela."

S I N O P S E

... ventos que vagueiam os céus eternos...
... sóis que escaldam o solo sagrado...
... águas que correm pelas terras entrecortadas...
... espíritos ancestrais que avivam a memória...

Eu vos honro e vos evoco em memória de minha jornada.

Umama África! Ventre primordial, solo multicolor de cheiros e sabores; lar de selvagens animais. Indlu – casa que deu guarida a tribos, povos e nações.

Fui parido na Vila Mvezo, filho do povo Thembu, da majestosa nação xhosa, e protegido do grande Jongintaba. Na aldeia me chamaram Rolihlahla Mandela, o “agitador” que ergue o galho da árvore, preanunciando minha essência umntu, meu destino. De dia cuidava de boi e vaca, brincando entre os meus; de noite acorria aos pés das sábias para ouvir as velhas histórias de nossos lendários reis e heróis. Se os olhos brilhavam refletindo o clarão da fogueira, o espírito se fortalecia com a valentia de Dingane, Babata e Makana.

Que estranho quando me mandaram para o lugar onde se aprende a ser gente, que eles chamavam de escola. Era tão diferente... não mais me contavam os feitos do meu povo, mas uma língua e costumes que eu não conhecia... me chamavam de Nelson, pois diziam que condizia com o jeito de ser do povo que mandava em nossas terras. Vendo isso, eu não quis mais ser o chefe da minha tribo nem casar com quem eu não amava. Fui embora; fui ser doutor na lei do invasor para defender o meu povo e minha terra.

Em Johannesburgo fiquei chocado com o abismo que separava meu povo negro do povo branco. Meu povo não tinha casa boa; o outro tinha; a gente passava fome; o outro não; eles estudavam, a gente trabalhava. Era tudo errado. Precisava mudar. Estudei, me formei, trabalhei. Entrei no Congresso Nacional Africano e com meus amigos criamos a Liga Juvenil do partido para acabar com a prática do racismo no nosso país. Não adiantava. Protestamos, pedimos, mas o branco que mandava decretou o Apartheid. Segregar era o mandato branco! Nosso lugar, dizia ele, era o de subserviente dele e a aceitação de nossa condição como gente a ser civilizada devia ser o nosso fardo.

Fui chamado de traidor e vivi clandestino dentro de minha pátria. Já que não queriam nos dar nossos direitos, tivemos que apelar para as armas. “Nós adotamos a atitude de não violência só até o ponto em que as condições o permitiram. Quando as condições foram contrárias, abandonamos imediatamente a não violência e usamos os métodos ditados pelas condições. Por isso me tornei o primeiro comandante chefe da “Lança de uma Nação”. Viajei pra toda parte buscando ajuda e apoio. Era o “Pimpinella Negro” sul africano.

Mas fui preso. Ornado de minhas vestimentas tribais fui julgado por crimes que não cometi e culpado porque “durante a minha vida, dediquei-me a essa luta do povo africano. Lutei contra a dominação branca, lutei contra a dominação negra.

Acalentei o ideal de uma sociedade livre e democrática na qual as pessoas vivam juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal para o qual espero viver e realizar. Mas, se for preciso, é um ideal pelo qual estou disposto a morrer". Então agora você será o 46664 tive como resposta. Fui enjaulado, não preso. Até em pedreira trabalhei. Em lugares afastados e com visitas restringidas. Resisti. Resistimos. A luta continuou através de minha persistência e da de meus amigos e correligionários que incansáveis não desistiam.

Até que fui solto. Ao sair da prisão, "quando me vi no meio da multidão, alcei o punho direito e estalou um clamor. Não havia podido fazer isso desde há vinte e sete anos, e me invadiu uma sensação de alegria e de força". Amandla (Poder) ao povo eu dizia e eles Awethu (Para o povo) me respondiam. E me tornei seu presidente dançando a meus ancestrais. Eu ter me vingado do branco, mas não o quis. Umama África é mãe para todos. Todos podiam conviver em paz e com iguais direitos. Essa era a verdadeira justiça.

Desde então fui o arauto da reconciliação entre Negros e brancos, filhos desse sagrado chão. Uma nova África do Sul ressurgiu. A terra do arco-íris. De todos. Fiz também do rugby, paixão nacional, motivo de união com o título.

Minha luta e minha voz ecoaram mundo afora; Nobel da Paz me tornei; reconhecimentos ganhei; continentes, países, estados e até o Estado que é Santo em seu nome visitei.

E quando minha jornada eu completei, ao solo de Umama África eu repousei.
Nelson Rolihlahla Mandela

Carnavalesco: Robson Goulart